



IDENTIDADE DE GÉNERO

1) A problemática da "identidade de género e sexualidade" exige uma prévia determinação do conceito de identidade e o reconhecimento de que há uma crise, uma crise profunda que afecta a questão em causa, isto é:

- A crise de identidade é uma crise do sujeito, é a sua perda de unidade, homogeneidade, integralidade. A modernidade apresenta o indivíduo, a pessoa, o eu, como uma entidade marcada superlativamente pelo logos – o discurso, a razão -, capaz de exercer o fundamento da sua própria essência como substância pensante e consciente. Aquilo que a tradição fixou como o "sujeito cartesiano" é este ser que se manifesta a partir da inscrição do seu próprio centro, que lhe garante a soberania do conhecimento e o domínio das práticas e da experiência.

- A crise de identidade é uma crise do sujeito. O "sujeito cartesiano" desmorona-se, fragmenta-se, perde unidade e qualquer ilusão de unidade. A pós-modernidade arrasta consigo várias rupturas e descontinuidades e uma profunda desconfiança face às categorias de essência, fundamento, universal, uno, razão, sujeito, objecto. A modernidade acreditou e mitificou uma cosmovisão tranquilizadora, com base na elisão das diferenças, chamando todos os indivíduos e todos os povos a reunir progressivamente uma identidade universal – a da Razão e da Liberdade. O fim da modernidade é a afirmação desta impossibilidade que faz emergir o abandono de qualquer solução unívoca ou qualquer teoria definitiva, inspiradas pelo mito da razão.

- As transformações verificadas na contemporaneidade e que se vêm operando de um modo mais premente há duas décadas, atingem, à escala global, as estruturas política, económica, social e cultural. Aquilo que se designa por "cognição social" surge como elemento integrador, implícito e explícito, do processo de transformação, o que na prática significa que as representações sociais estão em mudança, isto é, o conjunto das explicações, ideias, opiniões, crenças, conceitos penetra o decurso da comunicação interindividual, impondo novas práticas de regulação e orientação de atitudes e comportamentos. Como diz Serge Moscovici, " ...é a partir de modelos culturais e sociais



que se edificam os quadros de compreensão e de interpretação do real, sempre sujeitos à alteração e a novas perspectivas” de abordagem material e simbólica dos fenómenos.

- No contexto da sociedade actual a ruptura com o passado manifesta-se muitas vezes num certo sentimento de precariedade, o que revela a solidez, mais fictícia do que real, de um modo de ver o mundo que a cultura ocidental produziu com optimismo exagerado. Repetindo, a crença numa determinada concepção da pessoa humana afirmada pelos teóricos do Iluminismo faliu. Qualquer categoria conceptual chamada à colação – e não já ao tribunal da Razão como julgou Kant – não deixará de pressentir a sua fragilidade perante qualquer tentativa de fixação de sentido. Vivemos um momento assumido dessa mesma fragilidade que se estende por qualquer área do saber e da experiência vivencial. Se o que aqui nos interessa em específico é entender uma concepção de sujeito, de identidade, então o que podemos afirmar é que não há uma natureza humana, uma essência universal de homem, de cultura de razão. Como Nietzsche muito bem observou, o que se joga ao falarmos de sujeito é de uma pluralidade de identidades, de personagens diferentes em função dos diferentes contextos. Somos não uma unidade, mas um labirinto de personagens, muitas vezes contraditórias, múltiplas, incoerentes entre si, fragmentadas e que nenhum “eu” unifica numa identidade estável. “A identidade plenamente assumida completa, segura, coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos identificar – ao menos temporariamente.” (Stuart Hall)

- Se há conceitos que possam traduzir com rigor o cenário actual, podemos então referir de Giddens o “seu” desalojamento do sistema social”, de Harvey e Laclau, deslocamento, descentração, fragmentação. Não há centro, há uma pulverização de significados, ausência de qualquer princípio orientador, de qualquer referencial imutável e universal. O plano macro e micro, social e individual, ou seja, o cosmos articulado nas suas escalas é hoje marcado por sociedades policêntricas, por identidades “sem sujeito”, como um vazio a preencher através de processos que se estruturam no tempo e em grande parte inconscientes. O ser é sendo, a identidade um retrato sempre difícil de lhe atribuir um rosto definitivo.



2) A problemática da relação da identidade de género e a sexualidade necessariamente absorve as condições e consequências da “morte do sujeito moderno”.

- De acordo com o conceito de “epistema” de M. Foucault, sabemos que “cada época institui uma grelha simbólica através da qual apreende todas as coisas e define, nomeadamente, aquilo a que se chama saber e verdade. De um epistema para outro, não há nem continuidade nem progresso, mas ruptura.”

- Na cultura ocidental há o preconceito de associar a identidade de género e a opção sexual, preconceito que merece uma “arqueologia” dos seus fundamentos.

- A contextualização histórica da mudança de paradigma (o conceito de episteme é mais vasto), exige a explicitação do que se pode entender pelas lutas libertárias dos anos 60 e dos estudos relativos à questão de género, ao longo das últimas décadas do século XX, início do século XXI.

- O conceito de género permite-nos compreender historicamente que o seu conteúdo actua para marcar a diferença de sexos e, complementarmente, para justificar essa mesma diferença.

- A referência à compreensão histórica do conceito de género faculta a reflexão de que as relações que envolvem a interacção homem/mulher são sempre marcadas por factores cultural e socialmente determinados.

- O conceito de papel surge associado ao de género. Papel significa o conjunto de comportamentos exigidos por um determinado estatuto no grupo ou na cultura. Assim, falamos de papel masculino e papel feminino.

- Os estudos de Antropologia neste campo, nomeadamente, de Margareth Mead, permitiram desconstruir um mito, ou seja, a crença, ela mesma legitimada então pelo discurso científico, de que a estrutura dos papéis masculino e feminino é essencialmente desenhado com base nas diferenças biológicas de género. Tal pressuposto deparou com a dificuldade de entender as profundas clivagens que se verificam ao compararmos a pluralidade das culturas.

- Recusando uma visão biologizante dos comportamentos, logo dos estatutos e papéis e, conseqüentemente, da identidade de género, reconhece-se a plasticidade dos modelos de organização social e cultural, que se reflecte no que é “ser homem” e “ser mulher”.



- “Ser homem” e “ser mulher” constitui, no seu processo de construção, a articulação de um sentimento subjectivo de identidade de género com o núcleo de crenças, convicções, atitudes, comportamentos determinado pelo processo de socialização.
- É o processo de socialização que nos permite compreender que toda a organização social é sempre um jogo que se joga de possibilidades, que nada é único, definitivo, universal. Mais, que alterações à ordem instituída fazem parte das regras deste mesmo jogo, que a normalização abre vias de alteridade e que novas regras emergem no seu destino de contextualização e precariedade. Se pensarmos que as sociedades estão na história e que tudo o que é histórico é dinâmica de transformação, se pensarmos que as relações interpessoais suscitam práticas e linguagens que nunca se estabilizam definitivamente, então poderemos entender o que significa afirmar que a identidade de género é mutável.
- A sexualidade (conceito contemporâneo para referir a actividade sexual dos indivíduos) não é o núcleo gerador da definição da identidade de género, mas apenas uma das suas variáveis em relação com o conjunto de todas as outras. Poder-se-á colocar aqui um leque variável de questões, suscitado pela problemática da sexualidade. Por exemplo: é a sexualidade determinante para regular todas as variáveis da identidade, isto é, as opções sexuais afectam a compreensão da identidade de género? Poder-se-á falar de sexualidade ou de sexualidades? A repressão da sexualidade ou a sua liberalização são manifestações efectivamente opostas, ou apenas dispositivos de controlo de práticas e discursos segundo o que é socialmente mais útil ao saber e ao poder?
- A crise do sujeito, a crise de identidade, e, porque não, a crise de género, estatuto e papel, constituem a manifestação da tal mudança referida. É curioso como as mudanças mais profundas – e talvez mesmo as superficiais – criam o sentimento generalizado de que algo está em crise, crise no sentido de que um certo vazio de valores nos espera num futuro que já se interpenetra no presente. Contudo, se é assim, poderemos então afirmar que a humanidade esteve sempre em crise, embora hodiernamente mais do que nunca. Mas, crise significará, certamente com mais rigor, a consciencialização da relatividade dos modelos que na base estruturam o nosso modo de produzir o que é simbólico e material no contexto da ordem social.